

Mais Húmus, Mais Humanidade

Por Jeff Schreiber

(Artigo publicado originalmente no blog da Associação Biodinâmica dos E.U.A,
em 11/11/2013)

*Chegará o dia em que uma simples cenoura, observada com frescor,
desencadeará uma revolução.*

– Paul Cezanne

Durante esta temporada, nós, da região centro-oeste (E.U.A), fomos abençoados com a visita prolongada do consultor e pesquisador de agricultura biodinâmica Bruno Follador. Em maio, com a orientanda Angela Curtes, Bruno nos apresentou uma visão geral e prática do processo de compostagem de escala agrícola de fermentação em alta temperatura, segundo o método desenvolvido por Ehrenfried Pfeiffer. Durante os três primeiros dias de novembro, o pesquisador “*dwelved*”¹ (seu formidável termo!) com profundidade em questões tanto cósmicas quanto terrenas durante a oficina de trabalho no Michael Fields Agricultural Institute “Mais Húmus, Mais Humanidade: Reflexões e Práticas a partir da Agricultura Biodinâmica”². Já a partir da primeira noite de palestra ficou evidente – para o variado grupo de agricultores, jardineiros, professores, fruticultores e demais presentes – que Bruno não estava ali em público apenas para nos passar suas ideias; teríamos que conquistá-las.

¹ “*Dwelved*”: to dwell (entrar em profundidade) + to delve (esmieuçar o assunto ao máximo). A intenção do autor do termo é a união entre palavras que, quando uma só, signifiquem, ao mesmo tempo, mergulhar em um assunto ao máximo, de corpo e alma, aprofundando-se sem deixar de realçá-lo.

² [More Humus, More Humanity: Insights and Practices out of Biodynamic Agriculture](#)



Bruno Follador concedeu quatro palestras durante o final de semana, intercaladas por atividades interativas.

Por meio de histórias, poemas, exercícios, um filme e uma maravilhosa linguagem viva – *retratando ao invés de explicar* – Bruno cuidadosamente compôs uma imagem completa do tema abordado. Por exemplo, a letra da música da cantora e compositora canadense Feist, ficou exposta durante a oficina em conjunto com uma série de imagens com o objetivo de nos fazer refletir:

*A montanha, a montanha
Veio a reconhecer
Seus lados íngremes e pedregosos
Mais do que se fez perceber*

*The mountain, the mountain
Came to recognize
Its steep and rocky sides
More than realized*

O tema abordado? Nosso pensar. Um simples exercício, no qual olhávamos para uma figura que parecia um amontoado de pontos aleatoriamente dispostos em um círculo, serviu para ilustrar o complexo processo que se desenrola em nossa mente ao observarmos fenômenos.



Figura de Jackie Bortoft.

Ao receber a figura, alguns começaram a girá-la de um lado para outro, tentando adivinhar o lado certo. A maioria se lançou na tarefa com empenho – intrigados, compenetrados e entusiasmados com o desafio. Outros, nitidamente, se entediaram; talvez eles se sentiram “bons demais” para tal atividade. Cochichos deixaram transparecer que alguns recorreram às suas lembranças para ajudá-los ou buscaram alguma espécie de análise comparativa tentando compreender a figura. Alguns chutavam a esmo, outros espremiavam os olhos tentando apreender a figura a partir de uma perspectiva mais ou menos distante. Poucos descobriram o significado e pareceram notavelmente aliviados e satisfeitos. Outros pareceram menos entusiasmados, mais tensos e irritados. Por fim, quando a maioria aparentava ter adivinhado – ou, pelo menos, o constrangimento era demais para admitir o contrário – o enigma foi revelado: “uma girafa”. Escondida no amontoado de pontos aparentemente aleatório havia uma nítida figura de uma cabeça de girafa.

*Tudo nos chama para ser percebido,
murmúra a cada instante “Lembre de mim!”*

- Rainer Maria Rilke

O que aconteceu nesse processo, nós nos perguntamos? O que aconteceu naquele momento em que a nossa percepção dos pontos aleatórios se alinhou de forma mágica na concepção de uma cabeça de girafa? Se somente percebermos (em alemão “pegar a verdade”, explica o multilíngue Bruno) nós enxergaríamos a girafa? Com apenas uma idéia organizadora ou o conceito de girafa veríamos alguma coisa? O que é que une a percepção e o conceito? Bruno nos

instigou a respeito da importância dessas ideias, dessa tomada de consciência do processo do pensar: Demasiadamente abordamos o mundo nos atirando com avidéz a explicações ou rígidos conceitos prontos, em vez de dar às coisas - com as quais nos deparamos - o tempo e o espaço para que falem conosco *como realmente são*. Em vez de sair em busca do real - seres vivos neste mundo - de forma enfática e sensorial, recuamos em direção a uma espécie de intelecto "objetivo", distante e imaginado. A partir daí, "coisificamos o mundo", usando as palavras de Craig Holdrege. Todos os fenômenos tornam-se meras coisas "lá fora", coisas para manipular, explorar e controlar. É nessa visão de mundo o lugar onde os horrores do nosso planeta têm início: o solo torna-se apenas um meio inerte para o desenvolvimento das raízes. Galinhas: apenas cortes de carne. Água: apenas moléculas. Terra: apenas uma *commodity*. Pessoas: apenas um agrupamento de genes.



Conversas no World Café ofereceram outra maneira de explorar os temas do fim de semana

É bem provável que você, assim como eu, não esteja sequer ciente do grau em que esse modo de pensar influencia a nossa visão de mundo. Palestrantes como Bruno e Holdrege (que é diretor do The Nature Institute e cujo novo livro sobre o assunto é muito recomendado, Thinking Like a Plant - Pensando Como Uma Planta, em tradução literal) podem ajudar a nos conscientizar sobre tal "pensar objeto" e nos mover em direção a um "pensar vivo" (termos de Holdrege). Bruno, na forma viva como fala - gesticula - sobre compostagem,

delineia esse pensar presente e consciente: A pilha de composto não é um mero mecanismo ou uma coisa composta de materiais coisificados ela está no processo de vir-a-ser, um *ser*, uma intezza (a whole). Precisa de uma forma adequada e um corpo adequado, assim como nós.



Visita ao local de pesquisa em composto

Não há "receita" indicando a quantidade certa de "secos-carbono" e "molhados-nitrogenio"; devemos, ao contrário, *prestar atenção e desenvolver um relacionamento pessoal* com os materiais que compõem a pilha e com a própria pilha conforme envelhece. ("Essa daqui é sábia!", afirma Bruno sobre uma pilha madura e especialmente bonita). A *própria* pilha é a mestra, aprendemos ao "pegarmos a verdade" e ao nos orientarmos para a pilha viva e os processos e as forças por de trás, em torno e dentro dela. Respostas podem ser encontradas nos intervalos e relações *entre* as partes. Os quatro elementos são "ajudantes maravilhosos" nesse processo de enxergar a pilha como um Todo. "Como você é formada/está se formando?" é a atitude predominante e não "Por quê?". Da maneira que Bruno a descreve, realmente a pilha soa mais como verbo do que como substantivo.

A raiz do problema é moral em sua origem.

- Ehrenfried Pfeiffer

Quando a oficina chegava ao fim, trouxemos nossas questões mais inquietantes para o grupo. Qual é papel que estamos exercendo na vida da Terra? Dadas as atrocidades que já cometemos - as espécies extintas, os rios poluídos, a terra arrasada - não estaria a Terra melhor sem nós? Tal sentimento, embora compreensível, só pode ser resultado de um pensar objeto. Não podemos escapar da nossa participação na natureza, não importa o quanto nos esforcemos em imaginá-la tão somente como um "monte de coisas" para com o qual é desnecessária qualquer obrigação moral. Não, explica Bruno; temos que assumir a responsabilidade. *O próprio ato de observar é um ato moral*, frisou. A maioria das pessoas, acredito eu, entendem isso em algum nível. Mesmo em nosso mundo intermediado via Facebook, às vezes ainda é possível se conscientizar e conectar com algo ou alguém como *realmente são* (e não como como gostaríamos que fossem). Um sorriso, um certo olhar, um toque. Uma vez estabelecida a conexão, torna-se mais difícil nos distanciarmos, mais difícil não se sentir moralmente comprometido. Esse senso de responsabilidade, como sabem a maioria dos agricultores, *aumenta quanto mais você presta atenção*; quanto mais fiel você permanece ao que vê, mais envolvido fica num lugar. Por isso é fundamental que o uso da terra seja concedido àqueles que praticam um pensar participativo e vivo.



Jeff observando um punhado de composto

A revolução que tanto precisamos não virá por meio de novas leis ou políticas econômicas. Não; nas palavras do filósofo David Abram “virá por meio do rejuvenescimento da nossa empatia sensorial e carnal com a terra viva que nos sustenta”. Virá por meio de pessoas livres *que prestam cada vez mais atenção* - pouco a pouco, dia após dia – aos fenômenos que as rodeiam: cenouras, composto, outras pessoas. O elemento decisivo é a consciência humana, o pensamento humano. No final da oficina, uma imagem emergiu para mim a partir das fotos e gestos de Bruno. Nela, milhares de pequenas fazendas floresciam por toda parte, como flores silvestres em uma pradaria. Cada uma era única, um organismo vivo e parte integrante do seu lugar; mas nenhuma era igual. Cada uma tinha uma pilha de composto em seu centro, seu coração. E, em torno dessas fazendas, uma miríade de seres se uniam, formando por meio de sua franqueza e atenção, novas e vivas comunidades, novos Todos (new wholes), novos seres.

Jeff Schreiber recebeu uma bolsa do *Biodynamic Scholarship Fund* para participar de “*Mais Humus, Mais Humanidade*”. Jeff trabalha na *Three Sisters Community Farm*, em Campbellsport, no estado de Wisconsin, uma fazenda voltada para a comunidade e que abastece a área metropolitana de Milwaukee.

Bruno Follador nasceu em São Paulo e é geógrafo, consultor e pesquisador em Agricultura Biodinâmica. Atualmente trabalha no *Nature Institute*, E.U.A onde é o diretor do projeto “*Living Soils*”.

Artigo original no site:

<http://biodynamicsbda.wordpress.com/2013/11/11/more-humus-more-humanity/>

Tradução por Lucía Rodriguez